

VARIAÇÃO CONSTRUCIONAL EM PERSPECTIVA: PREDICAÇÃO VERBAL

CONSTRUCTIONAL VARIATION IN PERSPECTIVE: VERBAL PREDICATION

Marcia dos Santos Machado Vieira¹

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

marciamv@ufrj.br

<https://orcid.org/0000-0002-2320-5055>

Recebido em 12 jul. 2020

Aceito em 10 ago. 2020

Resumo: Mobilizam a problematização aqui feita: (i) a relação de associação entre usos de certos predicadores ou predicções verbais, (ii) a necessidade de representação do fenômeno de variação na Gramática de Construções do Português, (iii) a tensão entre iconicidade e arbitrariedade. Para a descrição a ilustrar o ponto de vista aqui em foco, contamos com síntese de resultados de investigações empíricas sobre usos licenciados por certas construções de predicação, alguns dos quais nem sempre perfilados em descrições do Português. Para a discussão que esperamos estimular a partir desta problematização, contamos com conceitos teóricos como: (quase) sinonímia, variação linguística, o problema de condicionamentos/restrições (ligado a preempção estatística), perspectiva, construção. Ilustramos variação recorrendo a três tipos de predicação: predicação de mudança de estado ou propriedade; predicação transitiva com pronome se; predicação de início com verbo suporte. Atributos relativos a contextualidade operam na relação de atração das variantes *ficar*, *virar* e *tornar-se* à proposição predicativa de mudança, na ativação de variantes semânticas em predicções transitivas com pronome clítico se e no acionamento de predicados complexos que expressam, por similaridade, estado de coisas inceptivo. Defendemos a necessidade de um olhar construcionista que considere combinação de construções em construções suprasentenciais ou textuais-discursivas, bem como mapeamento e representação da realidade socio-cognitiva-linguística menos homogeneizante, uma vez que a língua seja perspectivada como diassistema e, então, se (re)configure em inúmeras práticas discursivas em diversas comunidades. Nesse horizonte, ganha relevo a concepção de relação gradiente entre indexicalidade, iconicidade e arbitrariedade.

Palavras-chave: Linguística Cognitivo-Funcional. Sociolinguística. Gramática de Construções. Predicação. Aloconstruções.

Abstract: The problematization made here is mobilized by: (i) the associative relation between certain uses of verbal predicates or predications; (ii) the need for representing variation phenomenon in the Portuguese Construction Grammar; (iii) the tension between iconicity and arbitrariness. For the description that illustrates the perspective on which we focus, we have a summary of the results of empirical investigations on uses licensed by certain predication constructions, some of which are not always profiled at descriptions of Portuguese. For the discussion that we hope to stimulate from this problematization, we rely on theoretical concepts such as: (near) synonymy, linguistic variation, the problem of constraints/restrictions (linked to statistical preemption), perspective, construction. We illustrate variation using three types of predication: predication of change of state or property; transitive predication with pronoun se; inceptive predication with support verb. Attributes related to contextuality operate on the relation of attraction of *ficar*, *virar* and *tornar-se* variants to the predicative proposition of change, on the activation of semantic variants in transitive predictions with clitic pronoun se and on the activation of complex predicates expressing, by similarity, inceptive state of affairs. We defend the need for a constructionist approach that considers the combining of constructions in suprasentential or textual-discursive constructions, as well as the mapping and representation of the less homogenizing socio-cognitive-linguistic reality, once the language is seen as a diasystem and then (re)configures itself in countless discursive practices in various communities. In this horizon, the concept of a gradual relationship between indexicality, iconicity and arbitrariness is highlighted.

Keywords: Cognitive-Functional Linguistics. Sociolinguistics. Construction Grammar. Predication. Allostructions.

INTRODUÇÃO

A língua portuguesa é geralmente concebida, em perspectiva construcionista baseada no uso, como um inventário de unidades (pareamentos de forma-função/significação), com diferentes graus de complexidade e ligadas em rede. Tal inventário resulta de processos de estabilização, variação e mudança. Variação delineia-se, na literatura linguística, a partir de uma conceituação que se pauta no processo de observação de similaridade/proximidade (identificar afinidades/alinhamentos entre variantes, promovendo entre elas comparabilidade de seus aspectos formais e funcionais) e/ou no processo de perspectivação de dissimilaridade (descobrir diferenças/nuances entre variantes, delimitando perfis formais ou funcionais). Os dois movimentos ainda ficam mais evidentes quando voltamos nossa observação para a experiência do uso ou do processamento, percepção, avaliação subjetiva (XIMENES, 2020; TRAVASSOS, 2016; MACHADO VIEIRA; ESTEVES, 2009, por exemplo). Sobressai, neste artigo, a face da língua que corresponde ao que também referimos por alternância: variação entre padrões ou tipos construcionais que se prestam a uma relação de compatibilização/combinção noutra construção; e, assim, eles têm seus atributos, que os fazem construções diferentes e autônomas, neutralizados ou subespecificados; também se sujeitam a repetição em eventos de uso, a convencionalização social e a entrenchamento cognitivo; então, o processo de neutralização (ou subespecificação) entre padrões/tipos construcionais redonda numa área de associação, por similaridade, na rede construcional. Essa área na rede em que há associação de construções por similaridade é representada pelo constructo teórico/rótulo: *constructeme* (PEREK, 2015) ou *metaconstrução* (MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019a; WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018a; 2018b)¹. E a compatibilização num *slot* de outra construção mais complexa pode ser

¹ Como **variação construcional** vem ganhando terreno no Brasil apenas recentemente – principalmente, a partir de Machado Vieira (2016), bem como da interlocução com Marcos L. Wiedemer (UERJ) desde então –, cabe um esclarecimento. **Metaconstruction** é o termo referido por Östman e Fried (2005; p. 4) e em síntese do workshop organizado por Martin Hilpert e Jan-Ola Östman no evento FRIAS (Freiburg Institute for Advanced Studies Albert-Ludwigs-Universität Freiburg), realizado em 2012: “The workshop will explore the role of constructions in scenarios where **speakers are competent in multiple grammars, either speaking several varieties of the same language** or being able to switch between altogether different languages. These scenarios include situations of language contact, bilingualism, **multivariate language use**, language development, and second language acquisition, amongst others. The workshop will address the very pertinent question

mobilizada por força de atração ou por força de coerção. Para exemplificar, vejamos estes exemplos:

(1) Pode **resultar errado**? Claro. Não **há** originalidade em apostar que as coisas **vão dar errado** entre nós. Mas é preciso esperar. Inclusive porque o Congresso brigar com o governo novo em folha nunca é inteligente. E, como **se aprende** em Brasília, aqui não **tem** bobo. Se **tem** algum bobo, deve ter ficado em alguma suplência, e olha lá.”

Outra hipótese cuja inteligência ainda está por demonstrar é que os políticos **vão aderir** ao governo por medo de **serem perseguidos** pelo novo ministro da Justiça, Sergio Moro. (O “governo técnico” e o “presidencialismo de coerção”: as novas fantasias do imaginário político brasileiro, 9 nov. 2018; FEUERWERKER, 2020²)

Nesse dado, identificamos relação de associação entre: as construções lexicais “dar” e “resultar” em alternância na combinação à construção de predicação com verbo-suporte; e as construções lexicais “ter” e “haver” em alternância na combinação à construção de predicação existencial. Essas alternantes construcionais relacionam-se por força de atração aos *slots* de predicadores verbais (simples ou complexos) em predicções, embora, no primeiro caso, “dar” seja o verbo mais acionado pela frequência com que se combina à construção de predicação com verbo suporte, bem como por sua atuação como operador gramatical em outras construções do Português. Esta já não é a condição de partida de “resultar”. A frequência de ocorrência e de tipo/extensão de uso instrumental a que “dar” está ligado é um preditor importante.

Também encontramos, por exemplo, dados como “vão aderir” e “serem perseguidos”, que são instanciações envolvidas nas construções de predicação com marcação de futuridade e de passividade, respectivamente; em lugar dessas

of how speakers in these situations make use of constructional generalizations. Are constructions from one language or variety projected to another one? Do speakers form ‘meta-constructions’ that establish correspondences between constructions across languages? How are issues of variability handled? Do different scenarios lead to different strategies of grammatical representation? What are the theoretical implications of such representations?” (Disponível em: shorturl.at/oJPW1. Acesso em: 10 jul. 2020). Perek (2012; 2015, p. 629) refere-se aos níveis de representação de construções em alternância como constructemes: “Loosely following the notation introduced by Cappelle (2006), we represent these generalizations as pairings of (i) a constructional meaning abstracted from the meaning of the variants of the alternation, with (ii) an underspecified form which contains only the commonalities between variants, and thus leaves unspecified the syntactic type (...) and linear order (...) of the post-verbal complements. We call these higher-level alternation-based construction CONSTRUCTEMES.” O termo metaconstrução é a nomenclatura que Wiedemer e Machado Vieira (2018a; 2018b) mais têm acionado para designar essa área de representação de relação de similaridade/alternância na rede construcional. Esse termo tem, ainda, o potencial de representar, segundo uma visão diassistemática de língua, relações de correspondência detectadas entre redes construcionais de variedades ou práticas discursivas.

² Disponível em: alon.jor.br/2018/11/o-governo-tecnico-e-o-presidencialismo_9.html. Acesso em: 10 jul. 2020.

instanciações, o enunciador poderia ter acionado o predicator simples com marcação de futuridade e a predicação na voz ativa, reconfigurando, neste caso, a perspectivização do estado de coisas, ou a predicação noutro padrão de subfocalização de força indutora/agente-experienciador (com pronome se apassivador/indeterminador, “se aprende”). Esses outros dados trazem à tona outras questões: (i) qual é o grau de equivalência semântica para cogitarmos intercambialidade entre padrões construcionais? Diferenças de construal (conceptualização de estados de coisas) podem ser acolhidas no que se configura como variantes? (ii) há necessidade de link paradigmático, vertical ou horizontal, entre variantes (quer de relação vertical entre uma representação de nível de esquematicidade mais alto e padrões construcionais de nível mais baixo, subpartes daquele, quer de relação horizontal de quase sinonímia morfossintática e/ou semântica entre padrões construcionais)? Essas questões estimulam a investigação de variação construcional, que está só no início (particularmente no Brasil).

(2) A secretária nacional de Cultura, Regina Duarte, resolveu inovar em seu discurso de posse, nesta quarta-feira (4), no Palácio do Planalto, e citou vários elementos que ela considera “cultura”, entre eles “aquele pum produzido com talco **espirrando** do traseiro do palhaço”.³

Já nesse exemplo vemos um exemplo da construção lexical “espirrar” que, por força de coerção, se combina em *slot* que tende a atrair predicadores verbais como “escapar”, “sair”.

O desenrolar de pesquisas construcionistas centradas na experiência do uso (PEREIRA, 2016; TRAVASSOS, 2019 (informação verbal)⁴; FERREIRA, 2019) ou do processamento, percepção ou avaliação subjetiva deste (TRAVASSOS, 2018; PEREK, 2012; 2015) revela conexões entre construções de predicação do Português que se configuram como uma área de generalização e representação estabelecida a partir de um processo de neutralização, segundo o qual se opacificam ou anulam diferenças em prol de figurar comparabilidade/similaridade funcional. Essa área do *constructicon* – tratada, na literatura, de constructeme ou metaconstrução – acomoda relações/links associativos entre variantes

³ Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/regina-duarte-cultura-e-aquele-pum-produzido-com-talco-espirrando-do-traseiro-do-palhaco/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

⁴ Informação coletada no Seminário Interno Variação na Gramática de Construções do Português, realizado no Rio de Janeiro, em 2019.

construcionais, ou aloconstruções (*allostructions*, CAPPELLE, 2006; PEREK, 2012). A depender de atributos relacionados ao parâmetro contextualidade, as relações entre essas variantes podem variar em termos de intensidade estatística e da configuração do grau de correspondência, bem como podem emergir, conviver, competir e/ou desaparecer, em razão de dinamicidade e plasticidade inerentes à língua.

O conceito de aloconstrução ou constructeme convida-nos a pensar em um nó de nível-alto que sofre entrenchment. Conexões entre construções paradigmaticamente relacionadas são uma pré-condição necessária para isso, e provavelmente não seria exagero dizer que, quanto mais fortes essas conexões forem, maior a probabilidade de que os falantes de fato criem essa generalização. Os defensores da visão baseada em *link* diriam que tudo está na força das conexões, de modo que uma aloconstrução seria realmente um epifenômeno de ligações muito fortes entre construções com relações formais ou funcionais.⁵ (HILPERT, em WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; CEZARIO, 2019, p. 34)

Além dessa noção, o termo variação também alcança a concepção de que uma língua é um diassistema. Em outras palavras, o que designamos por língua é um complexo inventário de (sub)constructicons⁶, dadas as variedades dialetais (sincrônicas e diacrônicas) ou o multidialetalismo, bem como a sociedade e a identidade de seus indivíduos multifacetadas. Não perdemos isso de vista, mas não pretendemos explorar essa concepção, em razão dos limites de um artigo.

Pelo fato de alternativas/variantes construcionais não serem idênticas (nem no âmbito da investigação sociolinguística), há sempre quem se incline a rejeitar a possibilidade de variação por similaridade, lembrando o princípio de não-sinonímia

⁵ "The concept of an allostruction or a constructeme invites us to think of a high-level node that undergoes entrenchment. Connections between paradigmatically related constructions are a necessary precondition for that, and it would probably not be far-fetched to say that the stronger these connections are, the more likely it is that speakers will in fact create such a generalization. Proponent of the link-based view would say that everything lies in the strength of the connections, so that an allostruction would really be an epiphenomenon of very strong links between constructions with formal or functional relations." (HILPERT, em WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; CEZARIO, 2019, p. 34)

⁶ "In other words, diachronic construction grammar is constructionist historical linguistics. Alternatively, switching round the object of study and the approach, one could characterize it as historical constructionist linguistics, i.e. as a field of linguistics which looks at the evolution of the constructional resources of a language, i.e. of "constructicons". In "radically usage-based" diachronic construction grammar, however, languages are abstractions, to the extent that in terms of the locus of language these constructicons can only be assumed to exist at the idiolectal level, as part of the speaker/hearer's communicative resources, and even there they are never fixed but always in flux. The radicalness of this approach to historical linguistics, therefore, resides in that it takes seriously the distinction between the individual's "internal" linguistic system, "structures posited by the analyst as a claim about mental structure and operation" (KEMMER; BARLOW, 2000, p. x), and the "external" linguistic system, i.e. descriptions of the conventionalized linguistic system, "hypothesized structures derived by the analyst from observation of linguistic data, with no expectation that such structures are cognitively instantiated" (ibid.)." (NOEL, 2016, abstract)

e/ou considerando iconicidade em sentido estrito ou ainda uma definição de construção restrita (embora tida como “clássica”) a certos atributos das faces formal e funcional. Vale lembrar que “Alguma discordância sobre essas questões na comunidade da Gramática da Construção é provavelmente uma coisa boa. As ideias devem competir, para que as que realmente funcionam substituam as que não funcionam⁷” (HILPERT, em WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; CEZARIO, 2019, p. 34).

Traçado sinteticamente o quadro em que está inserida a descrição de predicação que aqui será contemplada, cabe-nos dizer que priorizaremos a explicitação de (i) relações associativas entre construções predicativas de mudança de estado ou propriedade, (ii) de relações associativas entre construções com SE apassivador/indeterminador que promovem subfocalização/impersonalização da força indutora (agente, causa, experienciador) e, ainda, entre outras duas construções de impersonalização discursiva, e (iii) de relações associativas entre construções de predicação inceptiva com verbo suporte. Vale dizer que impersonalização/impessoalização discursiva é, em linhas gerais, o processo que promove a demoção, a opacificação ou até a supressão de pessoa discursiva ou papel participante (MACHADO VIEIRA, 2020): o termo pessoa discursiva não deve ser confundido com pessoa gramatical; uma construção como “a gente” relaciona-se a pessoa gramatical de terceira no singular, embora, a depender do fator contextualidade, possa ativar diferentes significados discursivos (pessoas discursivas) – ou locutor e interlocutor, ou locutor e qualquer outro no mundo biossocial fora do eixo falante-ouvinte(s), ou até somente o enunciador (que se camufla, procedimento também adotado neste artigo por meio do recurso a verbos na primeira pessoa do plural). Assim, “a gente” pode estar a serviço de personalização (falante-ouvinte(s), por exemplo) ou impersonalização discursiva.

A escolha dessas três predicações para ilustrar o que teorizamos neste artigo relaciona-se à configuração do conceito de construção que queremos salientar nesta oportunidade: lexema (construção lexical), pareamento (intra)sentencial (construção procedural) e unidade de configuração para além da sentença (construção, também procedural, de nível textual-discursivo).

⁷ “Some disagreement on these issues within the Construction Grammar community is probably a good thing. Ideas should compete, so that the ones that actually work replace those that do not.”

ENQUADRE TEÓRICO E PROBLEMATIZAÇÃO TEÓRICO-EXPLICATIVA

Em linhas gerais, articulam-se pressupostos da Linguística Baseada no Uso, área interdisciplinar por natureza: Linguística Cognitivo-Funcional, Gramática de Construções e Sociolinguística (IBBOTSON, 2013; HÖDER, 2020; HILPERT, 2014, 2017; HOFFMAN; BERGS, 2018; LABOV, 1994; 2001; 2010; ECKERT, 2012; 2018; MACHADO VIEIRA; WIEDEMER, 2019; TROUSDALE; MACHADO VIEIRA; CEZÁRIO, 2019).

Da Linguística Cognitivo-funcional, exploramos, especialmente, o processo de analogia e a conceptualização de estado de coisas a partir de perspectivação de elementos dele numa relação figura-fundo, de ponto de vista de um enunciador/observador da cena, de proeminência, subfocalização ou desfocamento/demoção de participante nesse estado de coisas.

E assumimos (i) o entendimento de língua como *(dia)constructicon*, rede(s) de construções (com ligações de herança, associação por dissimilaridade e similaridade) que se consubstanciam em gramática(s) de construções e, então, (ii) a modelagem das unidades linguísticas em construções (configuradas formalmente segundo atributos de diferentes níveis de complexidade, combinação e relação – por exemplo, lexical, morfossintático, textual⁸ – e funcionalmente consoante atributos semânticos/conceituais, discursivos, pragmáticos e sociais).

Da Sociolinguística Variacionista, consideramos aqui a concepção de estabilização e variabilidade linguísticas contextualmente configuradas, assim como o problema de condicionamento(s)/restrições (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968) e a análise multifatorial e estatística da variação com base em variáveis (grupos de fatores/atributos que operam como condicionantes/preditores ou restritores).

Argumentamos que há inclinações de investigação empírica convergentes entre Linguística Cognitivo-Funcional, Gramática de Construções Baseada no Uso e Sociolinguística Variacionista, uma vez que procuram mapear o conhecimento de língua focalizando:

⁸ Os atributos “prosódico”, “fonético-fonológico” e “morfológico” que também compõem a face formal de uma construção só não são listados aqui por não serem figura na descrição que será apresentada.

- (i) métodos que propiciem apreender a experiência de usos em observação de *corpora* e/ou de registros de processamento, percepção ou avaliação subjetiva, bem como mensurar a produtividade de usos e/ou de representações cognitivas destes (com análise de frequência, por exemplo);
- (ii) descrições que exploram atributos de forma e função/significado envolvidos na configuração multifatorial de uma unidade linguística (referida como construção lexical ou procedural (segundo TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) neste artigo desenvolvido com base em modelagem construcionista de língua) e na relação multidimensional com outras unidades linguísticas (infra, intra, inter e suprasentenciais);
- (iii) generalizações a partir de conceptualizações que articulam língua e sociedade, uso, interação comunicativa, cognição e convencionalização social;

É verdade que algumas descrições em Gramática de Construções têm dado mais proeminência a um conhecimento linguístico que mais se apresenta como (relativamente) homogêneo e, então, se inclina a perfilar o que é partilhado por indivíduos de uma comunidade linguística. E, por comparação, não tende a ser essa a ótica a orientar a descrição em Sociolinguística, que salienta a heterogeneidade ordenada, tendo por base a concepção de:

- (i) identidade e comunidade (linguística, de fala, de prática discursiva) multifacetadas;
- (ii) relações entre indivíduos e comunidades que se definem em termos de diferentes graus de qualidade e densidade.

Isso não implica, porém, que a investigação em Gramática de Construções não possa compreender descrições em que um perfilamento multifatorial e multidimensional esteja em jogo, como o que prospera em algumas perspectivas construcionistas.

No estudo centrado em uso/*corpus*, temos de lidar, em linhas gerais, com um complexo multifatorial atuando sobre a relação entre uso e generalização/sistematicidade. Concordando com Schmid (2015; 2020), a articulação entre uso, entrincheiramento na mente (associação, rotinização e esquematização) e convencionalização social (inovação, difusão, normalização/

convencionalização) de unidades linguísticas dá-se em razão dos fenômenos de criatividade e repetição, variabilidade e unidade – inerentes à língua, à linguagem.

Assim, conforme Schmid (2020), atividades motoras (necessárias à produção de enunciados em linguagem verbal (oral ou escrita), sinalizada (línguas de sinais) ou não-verbal/corporal-gestual), atividades sensoriais (necessárias à percepção/avaliação e ao processamento de enunciados e aspectos de contextualidade que importem a referenciação, significação ou compreensão), atividades cognitivas e neurais (necessárias ao planejamento, formulação e entendimento de enunciados contextualmente situados, bem como à potencialização e consolidação de associações ou reorganização de associações) e atividades sociais e interacionais (inerentes à comunicação e à percepção/manifestação de identidade) constituem condições para a emergência, persistência (ou não), difusão, variação, mudança de unidades/generalizações linguísticas na mente dos indivíduos de uma comunidade linguística e na rede social de que eles participam (no conhecimento linguístico que a comunidade partilha). E pelo menos quatro forças (relativas a diferentes tipos de fatores) influem nessas atividades que promovem o uso: (i) forças cognitivas – por exemplo, similaridade, contiguidade, saliência, categorização, processamento; (ii) forças pragmáticas – por exemplo, atos de fala, cenários/cenas, participantes, tipos de eventos, intenções; (iii) forças emocionais/afetivas – desejo, egocentrismo, empatia, diversão, indiferença, rejeição, entre outras; (iv) forças sociais – identidade, solidariedade, redes sociais, prestígio, poder, entre outras.

Concordamos com Hilpert (em WIEDEMER; MACHADO VIEIRA; CEZARIO, 2019, p. 34) quando ele relativiza a ideia de “nova construção”, haja vista o fato de que construção é nomenclatura que se forja em relação ao contexto de observação e ao ponto de vista assumido pelo analista/observador quanto ao objeto de observação. A mensuração da produtividade de usos e tipos construcionais que redundam numa certa esquematização (processo que gera (sub)esquemas construcionais e, quando mais preenchidos/especificados, microconstruções a partir da observação da experiência de uso) está fortemente ligada ao que o analista perfila ao examinar os dados do uso. Assim, há quem:

- considere atributos lexicais ou morfossintáticos, na face forma, e semânticos/conceptuais, na face funcional;

- relacione atributos lexicais, morfossintáticos, semânticos e (discursivo-) pragmáticos, sem considerar, nestes, atributos relativos às esferas sociais/interacionais e identitárias de quem aciona construções linguísticas;
- esteja atento à multifatorialidade envolvida nos atributos formais (prosódicos, fonético-fonológicos, morfológicos, lexicais, morfossintáticos, textuais) e funcionais (semânticos, discursivos, pragmáticos, socioculturais) pareados, bem como à multimodalidade (expressão de pensamento, sensação ou emoção por meio de linguagem verbal e não-verbal, até do silêncio).

Naturalmente, essa diferença de observação dos dados tem consequência nas generalizações que geram a representação cognitiva de gramática de uma língua. Não é à toa que, em torno da questão sobre o lugar da variação em Gramática de Construções, haja diferentes olhares: quem o defenda, quem apenas não o perspetive como figura e até quem o combata. E quem questiona a possibilidade de considerar variação por similaridade vale-se, por exemplo:

- da incompatibilidade entre a concepção do fenômeno de variação centrada em “o mesmo valor de verdade” (identidade ou sinonímia “perfeita”) e o princípio de não-sinonímia (atribuído a GOLDBERG, 1995; 2006) ou a ideia de isomorfismo (BOLINGER, 1968; relação um-para-um entre forma e significado);
- da concepção de relação simbólica e convencional entre forma e função;

Iconicidade – encarada como uma relação de parença fixa/estática, simplesmente baseada em uma relação biunívoca entre forma e função e unidimensional ou, então, enquadrada como similaridade/identidade em espelho – é, em geral, posta em contraste com *arbitrariedade*⁹. No entanto, pesquisas (inclusive, experimentais, a exemplo de SIDHU; VIGLIOCCO; PEXMAN, 2019; LOCKWOOD; DINGEMANSE, 2015; GASSER; SETHURAMAN; HOCKEMA, 2005) revelam uma perspectiva que relativiza esse tipo de mapeamento em prol de um mais dinâmico, (inter)subjetivo, multidimensional, multifacetado (e, por essa complexidade, mais difícil de operacionalizar): há um espectro de graus de iconicidade e arbitrariedade em jogo na língua; nesse espectro, pode sobressair uma

⁹ Arbitrariedade enseja que uma forma qualquer se refira a um significado sem exigência de “imitação” deste/transparência de similitude forma-função/significado.

sensação/ilusão de relação motivada, de transparência, no exame de unidades linguísticas. Sob essa ótica, também tem lugar outra perspectiva na literatura: iconicidade e arbitrariedade são concebidas como propriedades (balanceadas) da língua; mapeamentos “many-to-many” de pareamento forma-função/significado (tendo em vista que são multifatoriais os atributos envolvidos nas duas faces do pareamento, não se restringindo a morfossintaxe-semântica ou morfossintaxe-pragmática como algumas descrições podem levar a concluir); tais mapeamentos, envolvem graus de não-composicionalidade (opacidade/transparência semântica e analisabilidade) e sistematicidade/esquematicidade.

Por CONSTRUAL, pretendemos o significado técnico do termo, um processo pelo qual os humanos selecionam uma maneira de retratar um objeto/evento, dentre as diversas maneiras possíveis pelas quais eles podem conceituar o objeto/evento (Langacker, 1991, 2008). Os seres humanos podem pensar sobre a linguagem, conceptualizar suas partes e fazer conexões entre padrões de linguagem interna (entre unidades linguísticas) e de linguagem externa (entre experiências linguísticas e não linguísticas). Sob essa definição, a iconicidade é mais dinâmica do que estática, é subjetiva e não objetiva, e baseia-se em experiências corporificadas individuais e não em propriedades universais. (OCCHINO; ANIBLE; MORFORD, 2020, p. 116)¹⁰

A relação entre configuração formal, significação e referencialidade no mundo enseja a (re)ativação de uma triangulação entre arbitrariedade/convencionalidade, iconicidade e indexicalidade (na qual tais conceitos são perspectivados como gradientes). Preocupações relativas à relação entre língua, comunidades de fala e de prática e persona (identidades construídas pelos indivíduos nos diversos círculos interacionais) na Sociolinguística Variacionista (ECKERT, 2018) têm mobilizado estudos sobre o papel da indexicalidade no significado social de variantes. Índices estão relacionados à natureza metonímica da língua (de contiguidade, uma entidade usada para referir outra): quando a relação pensamento-emoção-linguagem está em cena, recursos linguísticos e não-linguísticos estão em pauta. Investigações atuais relativas ao campo da multimodalidade revelam que estes não se restringem ao que é acidental e periférico na expressão de pensamento-emoção.

¹⁰ By CONSTRUAL, we intend the technical meaning of the term, a process by which humans select one way to portray an object/event, from the many different possible ways in which they can conceptualize the object/event (LANGACKER, 1991, 2008). Humans can think about language, conceptualize its pieces, and make connections between language-internal (between linguistic units) and language-external (between language and non-linguistic experiences) patterns. Under this definition, iconicity is dynamic rather than static, it is subjective rather than objective, and it is based in individual embodied experiences rather than universal properties.¹⁰ (OCCHINO; ANIBLE; MORFORD, 2020, p. 116)

Do pouco que vimos aqui, há, sem dúvida, em torno do fenômeno de variação um debate desafiador, que tem mobilizado várias pesquisas já em curso e para o qual coopera a articulação de esforços empíricos baseados nas perspectivas cognitivo-funcional, construcionista e sociolinguística, entre outras (como a Linguística de Corpus e a Psicolinguística).

Antes de finalizar esta seção, destacamos nosso interesse pelo estudo de predicação compatibilizada em *construção discursiva* (ÖSTMAN, 2005¹¹, p. 130-134), definida a seguir:

(...) uma construção semi-esquemática ou esquemática que está além do nível sentencial. “Construção do discurso” será definida informalmente aqui como uma sequência frequente de elementos do discurso armazenados no inventário mental (o léxico mental) (mas cf. Östman, 2005, p. 130, 134; Trousdale & Östman 2013). Um exemplo é a construção Contrastiva de fato, (...), na qual *in fact* vincula dois “conjuntos” (duas situações ou sequências de situações, cada uma das quais é codificada por um trecho de discurso que pode compreender uma ou mais cláusulas: [situação (não reivindicada) 1, de fato (situação reivindicada) 2]. Constrói-se a hipótese de que as construções de discurso emergem através da repetição de “padrões de discurso” e categorização¹² (LEWIS, 2013, p. 34-35)

Até onde se sabe, estudos considerando esse constructo teórico em geral não são brasileiros. Machado Vieira e Wiedemer (2019b) chamam a atenção para essa potencialidade de perspectivação na investigação dos usos e generalização baseada neles no que diz respeito à representação construcional do Português. Argumentam em prol de se começar a enveredar nessa seara a partir, por exemplo, da observação empírica de unidades mais complexas, como variedades de registro, unidades temáticas, (sub)gêneros, tipos ou tradições textuais, domínios discursivos, e propriedades de textualidade, discursivas e interacionais (FAIRCLOUGH, 2003; FISCHER, 2015). Operacionalmente, projetam lidar, numa linguística cognitivo-funcional centrada no uso e sob configuração socioconstrucionista, com diferentes objetos de análise, observando a compatibilização de construções em construções

¹¹ “A discourse pattern is the cognitive correlate of the linguistically defined text type, and the socioculturally defined genre. Understanding of text and discourse takes place **primarily** in terms of discourse patterns.” (LEINO; ÖSTMAN, 2005, p. 200)

¹² (...) a semi-schematic or schematic construction that is beyond sentential level. “Discourse construction” will be informally defined here as a frequent sequence of discourse elements stored in the mental inventory (the mental lexicon) (but cf. ÖSTMAN, 2005; TROUSDALE; ÖSTMAN, 2013). An example is the Contrastive *in fact* construction, (...), in which *in fact* links two “conjoints” (two situations, or sequences of situations, each of which is encoded by a stretch of discourse that may comprise one or more clauses: [(non-claimed) situation 1 in fact (claimed) situation 2]. Discourse constructions are hypothesized to emerge through repetition of “discourse patterns” and categorization. (LEWIS, 2013, p. 34-35)

suprassentenciais, textuais-discursivas. Afinal, unidades complexas que se organizam para além do nível suprassentencial também são/estão estocadas mentalmente numa ótica *bottom-up*, ou seja do constructo/dado para a esquematização/generalização (e *top-down*, no movimento de instanciação, do (sub)esquema ao uso); também são construções convencionalizadas, em decorrência da expectativa de que também tenham algum grau de não-composicionalidade e ocorram com frequência de token/ocorrência e de type/tipo construcional. Assim, como qualquer outra construção (lexical, gramatical), construções discursivas ou, melhor, textuais-discursivas também são estocadas no(s) constructicon(s)¹³.

(...) A análise construcional pode ser expandida proveitosamente a *chunks*/partes maiores que a frase que representam discursos convencionalizados, como discursos em sala de aula, aberturas de chamadas telefônicas, edições acadêmicas, horóscopos etc. As regularidades estruturais associadas a esses gêneros – realizadas, em nossos exemplos, como sequenciamento fixo ou como modelos formais – podem ser reformuladas como os recursos (semi)esquemáticos de construções de grande escala. Na medida em que as escolhas lexicais são restritas (e podem ser dispostas, por exemplo, na forma de listas suspensas), elas são acomodadas como seu componente (semi)substantivo. Os padrões de nível de oração, típicos dos discursos que analisamos, também são reconhecidos como construções com base em sua associação convencional a cada gênero. (...).¹⁴ (ANTONOPOULOU; NIKIFORIDOU, 2011, abstract)

A referência a *constructicon* no plural acolhe a concepção de língua ou gramática de construções como um *diassistema*. Höder (2020) é um dos autores que têm defendido uma abordagem de comunidades multilíngues intitulada de Gramática Construcional Diassistêmica/Diassistemática, ao destacar, por exemplo, que: “diaconstruções esquemáticas e idioconstruções menos esquemáticas

¹³ “Construction grammarians commit to the view that the entirety of grammar consists of a structured inventory of constructions linked by relations of various kinds, i.e., a constructicon.” (PEREK; PATTEN, 2019, p. 3)

¹⁴ (...) constructional analysis can be profitably extended to larger-than-the-sentence chunks representing conventionalized discourses, such as classroom discourse, telephone-call openings, scholarly editions, horoscopes, etc. The structural regularities associated with these genres – realized, in our examples, either as fixed sequencing or as formal templates – can be recast as the (semi)-schematic features of large scale constructions. To the extent that lexical choices are constrained (and can be rendered, for example, in the form of drop lists), they are accommodated as their (semi)-substantive component. Clause-level patterns, typical of the discourses we analyze, are also recognized as constructions on the basis of their conventional association with each genre. (ANTONOPOULOU; NIKIFORIDOU, 2011, abstract)

coexistem em um *constructicon* multilíngue e são conectadas via *links* de herança”¹⁵ (p. 6). A partir desse enfoque, tem projeto em que procura desenvolver uma abordagem “socio-cognitivamente realística”¹⁶ e reunir subsídios para reconfigurar a descrição relativamente homogeneizante de sistemas linguísticos que direciona certos olhares construcionistas:

(...) todos os falantes são multilíngues e pelo menos multiletais/poliletais até certo ponto, significando que eles usam várias línguas diferentes (padrão) ou diversa(o)s variedades/dialetos em algum grau na produção e na recepção linguísticas – em outras palavras, os falantes utilizam uma variedade de recursos linguísticos de uma forma comunicativamente adequada (...).¹⁷

3 PREDICAÇÃO VERBAL: VARIAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Com o propósito de ilustrar, nos limites de um artigo, relações de compatibilização entre construções lexicais, frasais e suprasentenciais/discursivo-textuais e relações de associação por similaridade, escolhemos lidar com predicações que envolvem estas construções:

- (3.1) construções de predicação verbal relacional ou predicativa (a que envolve constituinte predicativo), a partir de FERREIRA (2019);
- (3.2) construções de predicação verbal com pronome SE apassivador/indeterminador de participante indutor/experienciador do estado de coisas, a partir de SARAIVA (2019);
- (3.3) construções de predicação com verbo suporte (MACHADO VIEIRA, 2018), a partir de TRAVASSOS (2019) (informação verbal)¹⁸.

¹⁵ “schematic diaconstructions and less schematic idioconstructions coexist in the multilingual constructicon and are connected via inheritance links.”

¹⁶ Disponível em: steffenhoeder.de/diasystematic-construction-grammar-dcwg/. Acesso em: 9 jul. 2020.

¹⁷ Disponível em: steffenhoeder.de/diasystematic-construction-grammar-dcwg/. Acesso em: 9 jul. 2020.

¹⁸ Informação coletada no Seminário Interno Variação na Gramática de Construções do Português, realizado no Rio de Janeiro, em 2019.

Esse recorte temático deve-se também ao propósito de lidar com assuntos normalmente presentes no ensino de língua portuguesa, quer o ensino se desenrole por um perfilamento da gramática envolvida no texto, sendo este subfocalizado, quer por um perfilamento da relação entre gramática e discurso/texto, sendo ambos focalizados.

3.1 CONSTRUÇÃO PREDICATIVA DE MUDANÇA DE ESTADO E DE PROPRIEDADE: VARIANTES

O mapeamento da construção predicativa de mudança feito por FERREIRA (2019) mostra que três lexemas verbais tendem a compatibilizar-se no *slot* de verbo dessa construção: *ficar* (346/525 dados, 66%), *tornar-se* (122/525, 23%) e *virar* (57/525, 11%).

(3)

a. “Sua voz **ficou** impaciente de repente. – Estou indo para fora. Vai também. Nos falamos depois.”¹⁹

b. “O céu **tornou-se** escuro outra vez. Depois de acertarmos em aspectos fundamentais da política econômica, perdemos nas trilhas subsequentes (...)”²⁰

c. “Nossa casa **se tornou** o lugar mais seguro do mundo, diz Micaela Góes.”²¹

d. “Entrevista: ‘Desinformação **virou** indústria lucrativa’, diz pesquisadora da UFRJ”²²

A autora defende a tese de que a construção predicativa licencia um padrão de mudança de estado (exemplos a e b) e um subesquema construcional de mudança de propriedade/condição (exemplos c e d). A esses dois subesquemas, relaciona quatro microconstruções em razão de serem mais atraídos um(ns) ou outro(s) verbo(s), embora tais padrões possam alinhar-se funcionalmente (por aspecto semântico/conceptual, discursivo-pragmático e/ou social) e, assim, sejam

¹⁹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/no-dia-da-mentira-escritor-imagina-fim-de-uma-pandemia-que-infelizmente-ainda-verdade-1-24342792>. Acesso em: 10 jul. 2020.

²⁰ *Folha de S. Paulo*, 5 abr. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0504200410.htm>. Acesso em: 10 jul. 2020.

²¹ *O Globo*, 12 jun. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/nossa-casa-se-tornou-lugar-mais-seguro-do-mundo-diz-micaela-goes-24477057>. Acesso em: 10 jul. 2020.

²² *O Globo*, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/entrevista-desinformacao-virou-industria-lucrativa-diz-pesquisadora-da-ufrj.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

armazenados na mente dos falantes como variantes construcionais: [SujeitoSN *ficar* PredicativoSAdj] predicação de mudança de estado mais transitória; [SujeitoSN *tornar-se* PredicativoSAdj] predicação de mudança de estado mais transitória; [SujeitoSN *tornar-se* PredicativoSN] predicação de mudança de propriedade mais permanente/duradoura; [SujeitoSN *virar* PredicativoSN] predicação de mudança de propriedade mais permanente/duradoura.

Cada variante verbal colabora, segundo a autora, para o perfilamento de uma nuance conceptual e está estatisticamente²³ mais relacionada a um ou outro pareamento:

- A compatibilização do verbo *ficar* é associada, prototipicamente, a uma mudança de estado representada por um sintagma adjetivo e uma nuance aspectual mais transitória (3a), ao passo que, da combinação dos verbos *tornar-se* e *virar*, emerge a noção de mudança de condição, de propriedade, representada por um predicativo sob a forma de SN e pela nuance mais permanente (3b).
- O verbo *tornar-se* também ocorre na construção de mudança de estado, com predicativo sob a forma de sintagma adjetivo e aspecto mais transitório (3c), mas é mais atraído para o padrão construcional associado a mudança de propriedade, com predicativo do tipo sintagma nominal e aspecto mais permanente (3d).

Naturalmente, elementos da estruturação sentencial (“de repente”, “outra vez”, nos dois primeiros exemplos) em que se combinam os padrões construcionais de mudança (de estado ou propriedade) podem colaborar na ativação das nuances. Isso só revela a importância do jogo de relações entre construções na emergência contextualmente desenhada do significado.

Do exame da alternância desses quatro padrões construcionais em *corpora* diversificados cujos dados foram caracterizados segundo a modalidade expressiva (oral e escrita) e o registro (formal e informal) das fontes (inquéritos do tipo diálogo entre documentador e informante, textos jornalísticos, textos acadêmicos), a pesquisadora observa que *ficar* se comporta como um lexema acionado por *default* para os dois subesquemas (de estado e de propriedade), relacionando-se a

²³ Para detalhes relativos aos *corpora*, ao tratamento estatístico e aos resultados, basta conferir a tese de FERREIRA (2019), disponível no repositório *online* do site do Programa de Letras Vernáculas da UFRJ.

sintagma adjetivo ou nominal; ao passo que só aparecem dados do verbo *virar* ligado a sintagmas nominais. Verifica também que o lexema *tornar-se* é mais atraído²⁴ do que as outras duas formas quando o falante recorre aos padrões em modalidade escrita e registro formal. Também é o verbo mais acionado no discurso acadêmico. E a variante *ficar* está geralmente associada a proposições em que a representação do estado de coisas envolve um estado psicológico e sua perspectivação é mais subjetiva que objetiva.

3.2 CONSTRUÇÃO DE PREDICAÇÃO TRANSITIVA COM PRONOME SE: VARIANTES

SARAIWA (2019) trata da relação de (dis)similaridade entre dados da construção de predicação transitiva com pronome clítico *se* em textos do domínio acadêmico-científico e do domínio jornalístico. Sabemos que o domínio acadêmico-científico costuma ser um paradigma discursivo que promove a instanciação de padrões construcionais de predicação que permitem ao autor/pesquisador se tirar de cena ou tornar sua presença opaca, de modo equivalente ao que é propiciado pelo padrão de predicação verbal com flexão de primeira pessoa do plural (o acionado para a configuração deste artigo). A autora também destaca o recurso a um padrão construcional envolvendo o verbo *ter*²⁵ especialmente no discurso acadêmico, que, em alguma medida, resulta da influência do constante emprego de construção com pronome *se* nesse ambiente. A título de exemplificação dos três padrões anteriormente citados (quais sejam: verbo transitivo flexionado na terceira pessoa gramatical acompanhado de *se*, verbo flexionado na primeira pessoa gramatical do plural, verbo de estado *ter* flexionado na terceira pessoa gramatical e ligado a clítico *se*, *ter-se*), seguem estes excertos:

(4)

a.

O ECA tem dois eixos: o de proteção à criança e ao adolescente, pensando na prevenção de problemas que eles podem vir a ter com a lei; e o de atendimento, dirigido àqueles que cometem atos infracionais. No primeiro, há medidas insuficientes ou de má qualidade em sua aplicação, que acabam levando adolescentes a cometer crimes. E, no segundo, muitas vezes

²⁴ O peso relativo é de: .55 (*tornar-se*, registro formal, escrita) e .31 (*tornar-se*, registro informal, oral).

²⁵ Verbo suporte, no exemplo 5.c: em relação de equivalência a “objetivou-se”.

as políticas públicas que estão no estatuto ainda não **se implementam** de fato. **Precisamos** melhorar o que já **temos** nas mãos.²⁶

b.

O que ensina a inflação

Controlamos a alta dos preços só para nos **darmos** conta da 'corrupção estrutural', os elos espúrios.²⁷

c. Neste trabalho, **teve-se** o objetivo de ter o correto entendimento dos sistemas de colheita existentes, suas características úteis e limitações.²⁸

Comparativamente, ainda que diferentes recursos sejam empregados com a finalidade de promover alguma neutralização discursiva da figura da autoria, SARAIVA (2019) chama a atenção para o fato de que a figura do enunciador tende a ficar menos evidente em certos gêneros textuais do discurso jornalístico do que nos gêneros do discurso acadêmico. Afinal, neste, a expectativa, na situação comunicativa, é a de que os estados de coisas que compõem o texto se relacionam aos procedimentos/às etapas de pesquisa do pesquisador-autor. Essa expectativa já não se apresenta, pelo menos não de partida, no domínio jornalístico. E, mais interessante, ela descreve que os padrões construcionais envolvendo predicções com clítico se podem associar-se com base em:

(a) diferentes funções pragmáticas do papel da predicação verbal na conceptualização da referencialidade;

(i) expressar um posicionamento do eu-enunciador, (ii) expressar uma ação do eu-enunciador, (iii) expressar de forma mais distanciada a opinião do eu-enunciador, (iv) expressar a opinião comum a determinado grupo, (v) possibilitar a interação entre emissor e receptor, (vi) apresentar uma ação em que não se identifica o participante (recuperável pelo leitor), (vii) apresentar uma ação sem definição clara de um participante, (viii) asserção de verdades ditas absolutas e (ix) denotar a existência de algo. (SARAIVA, 2019, p. 90)

(b) graus distintos de desfocalização das pessoas discursivas.

no grau 1, recupera-se o participante suspenso como o próprio eu-enunciador; no grau 2, percebe-se o envolvimento das 1ª e 2ª pessoas discursivas, no grau 3, de forma mais distanciada, ainda é possível recuperar a participação da 1ª pessoa discursiva, no grau 4, há o que se considera, neste trabalho, como uma indeterminação genérica (com referência a 1ª

²⁶ O *Globo*, 1 jun. 2015. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-moreno/post/se-maioridade-penal-baixar-crime-recrutara-menores-menores-567612.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

²⁷ O *Globo*, 10 dez. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/o-que-ensina-inflacao-24130152>. Acesso em: 10 jul. 2020.

²⁸ Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/eagri/v27n1/20.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2020.

pessoa do plural); no grau 5, investiga-se um esvaziamento da referenciação (indeterminação, 3ª pessoa não identificável) e, por fim, no grau 6 encontram-se as predicções sem participante. (SARAIVA, 2019, p. 93)

Assim, predicções transitivas com pronome *se* podem pôr em jogo – a depender do domínio discursivo (acadêmico ou jornalístico), bem como de outras pistas envolvidas na configuração da construção textual-discursiva – diversas referencialidades, embora todos os casos dos dados por ela analisados tenham pronome clítico *se* e flexão de terceira pessoa gramatical (no singular ou plural – outro fenômeno de variação aí implicado, conforme tratado por MACHADO VIEIRA, 2015).

Há, ainda, outros padrões construcionais (conforme descrito em MACHADO VIEIRA, 2020a e 2020b (informação verbal) ²⁹) que podem promover a desfocalização (não saliência conceptual) ou a supressão do participante força indutora (que pode corresponder ao autor/pesquisador, no domínio acadêmico): por exemplo, as predicções passivas analíticas (por recurso a perífrases com verbo auxiliar *ser*, “foi utilizada”, “seriam destinados” ou “foram mantidos”, ou verbo suporte *ter*³⁰, “teve aprovação”, nos exemplos abaixo); sem a força indutora (agentiva, causadora ou experienciadora, participante 1 do estado de coisas) expressa ou, se expressa, geralmente com pronome ou nome de referência genérica (“muitos servidores”).

(5)

a. “**Foi utilizada** uma metodologia quantitativa envolvendo medidas de estatística descritiva (frequências absolutas, médias e desvios padrão) e estatística inferencial.” (Resumo de Tese de Doutorado, 18 out. 2016)³¹

b. (...) O projeto previa a redução para 45 dias de gozo e os outros 45 dias **seriam destinados** à capacitação profissional.

Mas, segundo o vereador Nestor Albrecht, não **teve aprovação** por muitos servidores e **foram mantidos** os 90 dias de gozo.”³²

²⁹ Informação coletada no 53rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, realizado na plataforma Zoom, em 2020b.

³⁰ Mais exemplos sobre predicções passivas com perífrases com verbo auxiliar *ser* e verbo suporte *ter* em alternância são encontrados em MACHADO VIEIRA (2020b) (informação verbal: Informação coletada no 53rd Annual Meeting of the Societas Linguistica Europaea, realizado na plataforma Zoom, em 2020b.). Disponível em: osf.io/48dcz. Acesso em: 9 jul. 2020.

³¹ Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/2796>. Acesso em: 10 jul. 2020.

³² Disponível em: <https://www.sonoticias.com.br/politica/estatuto-dos-servidores-municipais-de-lucas-r-verde-e-alterado/>. Acesso em: 10 jul. 2020.

3.3 CONSTRUÇÃO PREDICAÇÃO INCEPTIVA COM VERBO SUPORTE: VARIANTES

Travassos (2019) constituiu uma amostra de dados de predicadores complexos com verbo suporte associados, por comparabilidade funcional/conceitual, à acionalidade de *começar*. Ao observar a relação de (dis)similaridade entre os dados obtidos de certos tipos construcionais com verbo suporte [dar X-a/ida]_{predicação inceptiva} os quais ativam a ideia de um estado de coisas equivalente ao lexema “iniciar”, examinou instanciações de “dar (a/uma) largada”, “dar (a/uma) arrancada”, “dar (uma/a) principiada”, “dar (uma/a) começada”, “dar (uma/a) encetada”, “dar (uma/a) entrada”, “dar (uma/a) inaugurada”, “dar (uma/a) partida”, “dar (uma/a) saída”.

(6)

a. A denúncia foi feita por uma servidora do município, que **deu entrada** no pedido após relatar que a família do vice-prefeito foi favorecida em uma licitação.³³

b.

Por volta das 10h desta quinta-feira os competidores do Tour do Rio **deram largada** para os 162 km da 2ª etapa, entre Volta Redonda e Três Rios. Eles *começaram* o pedal em frente à Prefeitura Municipal de Volta Redonda.³⁴

c.

“Por Guiomar de Grammont, coordenadora do Fórum das Letras “A organização de um evento cultural exige, de início, coragem. Sobretudo quando isso implica em *começar do zero*, **dar partida** em um empreendimento que nunca existiu antes. É um salto no escuro, pois, muitas vezes, o interesse dos patrocinadores se manifesta apenas depois da confirmação de uma ou outra atração mais interessante.”³⁵

Defendeu a relação entre o acionamento de tais tipos construcionais (predicadores com verbo suporte que conceptualizam início como um estado de coisas) e o contexto discursivo, observando ato de fala, temática e gênero textual. Até onde se sabe, esse foi o primeiro olhar construcionista brasileiro a configurar problema central para investigação nesse sentido. Em linhas gerais, sua análise confirma a relação (estatística) entre o acionamento desses tipos construcionais e a

³³ O *Globo*, 10 jul. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/camara-de-itaguai-aprova-impeachment-contra-prefeito-o-vice-que-foram-afastados-24525364>. Acesso em: 10 jul. 2020.

³⁴ O *Globo*, 30 ago. 2012. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/de-bike/post/comeca-2-etapa-do-tour-do-rio-462876.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

³⁵ O *Globo - Blog literário do Globo*, 3 nov. 2006. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/minas-no-prosa-14883.html>. Acesso em: 9 jul. 2020.

noção de paradigma/padrão discursivo (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018a). Por exemplo, dados de “dar entrada” (4.a) estão relacionados a ato de fala do domínio jurídico, protocolar documento/petição; dados de “dar largada” (4.b) são acionados especialmente em textos cuja temática se relaciona a esporte; dados de “dar partida” (4.c) se instanciam em textos de *blogs* e, frequentemente, em textos sobre temática automobilística.

Vale notar que, em dois dos exemplos anteriores (4.b e 4.c), “deram largada” e “começam”, assim como “começar do zero” e “dar partida”, relacionam-se por similaridade como variantes de predicador verbal (simples ou complexo).

Os três destaques feitos servem para mostrar que, quando analisamos dados, precisamos considerar um mapeamento que envolve diferentes atributos formais e funcionais, assim como diferentes níveis de relação de compatibilização, na avaliação de áreas de similaridade, de associação entre padrões construcionais como variantes.

Assim, o horizonte de mapeamento construcionista passa a incluir atributos relacionados à configuração suprasentencial ou textual-discursiva, bem como funcionalidades e conceptualizações ativadas por ligação ao contexto sociocomunicativo, ao entorno discursivo, à prática discursiva em que se localiza o texto com o fenômeno focalizado, ao ato de fala a que o fenômeno se presta, ao (sub)gênero com base no qual se configura o texto, à referencialidade (pessoa discursiva e seu estatuto informacional, por exemplo) ou ao grau de assertividade, hipoteticidade ou universalidade de uma proposição – só para citar algumas frentes de observação.

DESTAQUES FINAIS

Apresentamos aqui potencialidades descritivas que envolvem certas temáticas em predicação verbal constantes nos espaços escolares. As temáticas foram: (i) variantes na configuração da construção predicativa de mudança para a qual acionamos os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar*; (ii) variantes na configuração da pessoa discursiva em predicações transitivas com pronome clítico *se*, tipicamente associadas ao domínio expositivo-argumentativo escolar ou acadêmico; (iii) variantes na configuração da construção de predicação inceptiva com verbo suporte.

Procuramos: (i) dar proeminência à variação por similaridade que decorre de relação de associação entre padrões construcionais do Português, pareamentos de forma e função/significado e (ii) contribuir para o debate sobre a natureza configuracional de construções e de suas relações de compatibilização, perspectivando a necessidade de lidar com construção/paradigma discursiva(o).

Ao também problematizarmos aqui o fenômeno da variação por similaridade, queremos, acima de tudo, fazer um convite ao fortalecimento de esforços no sentido do mapeamento, conhecimento e modelagem construcionistas da língua perspectivando esta como diassistema, um complexo (de) constructicon(s) que, por sua vez, se desenha(m) como redes construcionais correspondentes a diversas configurações socio-cognitivo-linguísticas. Esse é um caminho que está por ser explorado no Brasil (e mesmo no exterior), até para que considerações teórico-explicativas que hoje parecem plausíveis possam ser corroboradas ou refutadas. O tempo nos dirá!

REFERÊNCIAS

- ANTONOPOULOU, E.; NIKIFORIDOU, K. Construction Grammar and conventional discourse: A construction-based approach to discursual incongruity. **Journal of Pragmatics**, [s. l.], v. 43, n. 10, p. 2594-2609, 2011.
- BOLINGER, D. Entailment and the Meaning of Structures. **Glossa**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 119-127, 1968.
- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for 'allostructions'. In: SCHÖNEFELD, D. (ed.). **Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implication**. [S. l.]: [s. n.], 2006. p. 1-28. Special volume of Constructions SV1-7/2006.
- ECKERT, P. **Meaning and Linguistic Variation**. The Third Wave in Sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. **Annual Review of Anthropology**, [s. l.], v. 41, p. 87-100, 2012.
- ESTEVES, G. A. T. **Construções com DAR + Sintagma Nominal: a gramaticalização desse verbo e a alternância entre perífrases verbo-nominais e predicadores simples**. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing Discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

- FERREIRA, B. G. P. **Construção predicativa de mudança de estado e de propriedade com os verbos ficar, tornar-se e virar**. 2019. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- FEUERWERKER, A. **Novos capítulos da política brasileira: o primeiro ano da era Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Imprimatur: FSBComunicação, 2020.
- FISCHER, K. Conversation, Construction Grammar, and Cognition. **Language and Cognition**, Birmingham, v. 7, n. 4, p. 563-588, 2015.
- GASSER, M.; SETHURAMAN, N.; HOCKEMA, S. Iconicity in Expressives: an empirical investigation. *In*: RICE, S.; NEWMAN, J. (ed.). **Experimental and empirical methods in cognitive/functional research**. Chicago: The University of Chicago Press: CSL Publications, 2005. n.p.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- HILPERT, M. Historical Sociolinguistics and Construction Grammar: From mutual challenges to mutual benefits. *In*: TANJA, S.; NURMI, A.; PALANDER-COLLIN, M.; AUER, A. (ed.). **Exploring Future Paths for Historical Sociolinguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2017. p. 217-237.
- HILPERT, M. Language, variation and change. *In*: HILPERT, M. **Construction grammar and its application to English**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014. p. 179-201.
- HOFFMAN, T.; BERGS, A. A Construction Grammar Approach to Genre. **Revue de L'Association Française de Linguistique Cognitive**, [s. l.], v. 18, n.p., 2018.
- IBBOTSON, P. The scope of usage-based theory. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 4, p. 1-15, 2013.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Wiley-Blackwell, 1994. v. 1.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2001. v. 2.
- LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. v. 3.
- LEINO, J.; ÖSTMAN, J-O. Constructions and variability. *In*: **Grammatical constructions**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 191-213.
- LEWIS, D. M. The emergence of discourse connectives in discourse constructions. *In*: BOLLY, C.; DEGAND, L. (ed.). **Across the Line of Speech and Writing Variation: Proceedings of the 2nd International Conference on Linguistic and Psycholinguistic Approaches to Text Structuring (LPTS 2011)**. Corpora and

Language in Use – Proceedings 2. Louvain-la-Neuve: Presses universitaires de Louvain, 2013. p. 33-49.

LOCKWOOD, G.; DINGEMANSE, M. Iconicity in the lab: a review of behavioral, developmental, and neuroimaging research into sound-symbolism. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 6, p. 1-14, 2015.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicação verbal e impersonalização discursiva: gradiência e alternância na Gramática de Construções do Português. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 1, p. 65-84, 2020a.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Predicar com construção com verbo suporte. In: DE PAULA, A. et al. (org.). **Uma história de investigações sobre a língua portuguesa**: homenagem a Silvia Brandão. São Paulo: Blucher, 2018. p. 91-112.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Um panorama da norma de flexão verbal de número em construções com se apassivador/indeterminador. **Cuadernos da ALFAL**, [s. l.], n. 7, p. 210-230, 2015.

MACHADO VIEIRA, M. dos S. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. **Revista Linguística**, [s. l.], v. especial, p. 152-170, 2016.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; ESTEVES, G. A. T. Metodologia de avaliação subjetiva de usos lingüísticos em variação. **Veröffentlichungsreihe des Studienbereiches Neue Romania des Instituts für Romanische Philologie der FU Berlin**, [s. l.], v. 39, p. 237-266, 2009.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. Composicionalidade e Contextualidade: implicações na representação de predicações na Gramática de Construções do Português? In: SEMINÁRIO NACIONAL, 14.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA, 11., [s. l.], 2019b. **Anais [...]**. [S. l.]: [s. n.], 2019b. n.p.

MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. dos S.; WIEDEMER, M. L. **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Blucher, 2019a. p. 85-120.

NOEL, D. Constructicons are bound to change: constructional change in a radically usage-based perspective. In: CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL SOCIETY FOR THE LINGUISTICS OF ENGLISH (ISLE-4), 4., 2016, Poznań. **Anais [...]**. Poznań: Adam Mickiewicz University, 2016. p. 18-21.

OCCHINO, C.; ANIBLE, B.; MORFORD, J. P. The role of iconicity, construal, and proficiency in the online processing of handshape. **Language and Cognition**, Birmingham, v. 12, p. 114-137, 2020.

ÖSTMAN, J-O. Construction discourse: a prolegomenon. In: ÖSTMAN, J-O.; FRIED, M. (ed.). **Construction grammar: Cognitive grounding and theoretical extensions**. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 121-144.

ÖSTMAN, J-O.; FRIED, M. (ed.). **Construction grammar: Cognitive grounding and theoretical extensions**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

PEREIRA, B. C. A. **A expressão do aspecto de fases no Português: um novo olhar centrado em construções perifrásticas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

PEREK, F. Alternation-based generalizations are stored in the mental grammar: Evidence from a sorting task experiment. **Cognitive Linguistics**, Birmingham, v. 23, n. 3, p. 601-635, 2012.

PEREK, F. **Argument structure in usage-based construction grammar: Experimental and corpus-based perspectives**. Amsterdam: John Benjamins, 2015.

PEREK, F.; PATTEN, A. L. Towards an English Constructicon using patterns and frames. **International Journal of Corpus Linguistics**, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 354-384, 2019.

SARAIVA, E. S. Variação em uso de construções com predador verbal TD + clítico SE: impessoalização e indeterminação em textos científicos e jornalísticos do Português Brasileiro. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 99-124, 2019.

SCHMID, H-J. A blue print of the Entrenchment-and-Conventionalization Model. **Yearbook of the German Cognitive Linguistics Association**, [s. l.], v. 3, n. 1, p. 3-26, 2015.

SCHMID, H-J. **The Dynamics of the Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

SIDHU, D. M.; VIGLIOCCO, G.; PEXMAN, P. M. Effects of iconicity in lexical decision. **Language and Cognition**, Cambridge, v. 12, n. 1, p. 164-181, 2019.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAVASSOS, P. F. **Construções com verbo-suporte DAR: indicação de aspecto e/ou outro valor?**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Português-Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TROUSDALE, G.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.; CEZARIO, M. M. Linguistic variation and change. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 8-18, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. Empirical foundations for a theory of language change. *In*: LEHMANN, W.; MALKIEL, Y. (ed.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o desafio e as perspectivas de compatibilização. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 14., Cuiabá. **Texto apresentado a debate no GT de Sociolinguística**. Cuiabá: UFMT, 2018a. n.p.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. *In*: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. **Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas**. Guarapuava: Ed. da Unicentro, 2018b. p. 41-77.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. dos S.; CEZARIO, M. M. A discussion on the relationship between variation and change in Construction Grammar: interview with Martin Hilpert. **Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 30-43, 2019.

XIMENES, D. de O. **Uma proposta metodológica para o desenvolvimento de uma rede de construções**: investigando a complementação sentencial do Português Brasileiro. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Sobre a autora

Marcia dos Santos Machado Vieira

Doutora em Língua Portuguesa, é Professora Associada IV do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da UFRJ. Tem experiência em pesquisa de: variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfossintáticos (formas de tratamento ou referencialidade e construções com formas verbais); predicação; auxiliaridade; impersonalização discursiva; intensificação; temporalidade, aspectualidade e modalização. Coordena o Projeto PREDICAR - Formação e expressão de predicados complexos e predicações. Suas pesquisas vinculam-se ao quadro teórico da Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática das Construções e Sociolinguística. É membro do Grupo de Estudos Discurso & Gramática/UFRJ. Integra, na gestão 2014-2020, a coordenação do Eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL (Variação e Mudança Linguísticas). Coordena esse GT no biênio 2018-2020. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É uma das editoras gestoras da Diadorim, do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Preside a Comissão Organizadora do Fórum Internacional em Sociolinguística.